

## DO EXISTIR, DO PENSAR E DO COMUNICAR

ADÍSIA SA

Todas as minhas reflexões sobre o conhecimento tem-me arrastado a uma tomada de posição. Sou levada a concluir que a existência do sujeito representa a existência do objeto, que a existência do sujeito e do objeto possibilita o conhecimento do objeto pelo sujeito e que o conhecimento do objeto pelo sujeito tem como corolário a comunicação do objeto pelo sujeito ou a ação do sujeito sobre o objeto. O homem, não é só *ens cogitans*, mas, acima de tudo, *ens agens*. Noutras palavras: conhecer e comunicar são momentos de um mesmo processo.

Esta colocação inicial objetiva, antes de mais nada, deixar claro que o pensamento sucede ao conhecimento. Assim posta a questão, importa dizer que o homem primeiro conhece e, posteriormente, pensa.

O conhecimento, entretanto, está condicionado a dois pontos importantes e fundamentais:

- a) organização psicofísica;
- b) fatores culturais.

Como diz Bertalanffy: "As categorias do conhecimento, tanto do conhecimento cotidiano, quanto do conhecimento científico, que em última instância é apenas um requinte do anterior, dependem primeiro de fatores biológicos, e segundo de fatores culturais." (1)

---

1) Bertalanffy — Teoria Geral dos Sistemas, p. 302.

O primeiro contexto a que pertence o homem é o seu próprio organismo e é a partir dele (sistema aberto) que a nossa percepção acontece.

O estudo do conhecimento e da Comunicação, portanto, não pode ser feito desconhecendo-se ou ignorando-se as ciências biológicas. No enfoque segundo do problema, ou seja, os fatores culturais, o estudioso da Comunicação tem que debruçar-se sobre as ciências sociais.

Não se pode perder de vista, então, os dois contextos, nos quais se situam o conhecer e o pensar: o contexto psicofísico e o contexto cultural.

Assim, o conhecimento não pode se restringir ao mero estudo do sujeito e do objeto (como tais considerados) sem um aprofundamento analítico do sujeito (e suas implicações) e do objeto (e suas transformações).

A tríade gorgeana, de caráter originariamente cético, na minha perspectiva, culmina na afirmação da existência da coisa, na possibilidade de conhecimento do objeto e na comunicação do conhecido.

Assim colocado o ponto central deste trabalho, cabe-me agora o seu desenvolvimento e conseqüente conclusão.

Existe Algo.

É possível conhecer.

É possível transmitir.

O que existe?

Existe o objeto, seja ele material ou conceptual, concreto ou abstrato, visível ou invisível. Material ou conceptual, concreto ou abstrato, visível ou invisível, o objeto existe, esteja, segundo sua natureza, no limiar sensorial, no universo intelectual ou na intimidade espiritual do homem.

É possível conhecer?

A existência do objeto só pode ser constatada pelo homem: cada objeto, segundo sua natureza, é conhecido pelo homem por vias próprias, ou, como diria Platão — “Cada qual tem na alma a faculdade de aprender com o órgão a isto destinado.” (2)

Ou, noutras palavras, em se tratando de objeto material (concreto, palpável): é captado pelos sentidos imediatamente ou por instrumentos criados pelo homem como extensões suas ou substituição. Substituição do observador humano por órgãos sensoriais artificiais, numa expressão de Bertalanffy.

O objeto físico se insere no campo perceptual sensitivo do homem e, por estes canais (os sentidos), é captado e conhecido.

---

2) PLATÃO — A República, p. 272.

O homem conhece, então, pelas vias sensoriais o objeto concreto: aquilo que lhe está frente a frente, materialmente falando, ou experiência do real com o real e do pensamento da coisa com a coisa, segundo exposição do professor Carlos Campos.

O homem conhece o objeto conceptual independentemente de sua configuração palpável. Conceptualmente o objeto está frente ao homem, jogado à sua inteligência e, como tal, pela inteligência (compreensão, consciência) o homem o capta.

“O homem tem experiência do irreal que ele separa do real adequadamente”, numa expressão de Carlos Campos. (3)

São diferentes os caminhos para conhecer o objeto, segundo a sua natureza. Como o homem conhece o existente?

“Todos os homens, por natureza, desejam conhecer.” (4)

Do enunciado aristotélico deduz-se o binômio do conhecimento:

- sujeito (todos os homens, por natureza, desejam conhecer);
- objeto (conhecer, é conhecer algo).

Conhecer, então, é um direito natural do homem.

Existem, portanto, o sujeito que conhece  
e o objeto que é conhecido.

Toda questão filosófica sobre o conhecimento (Gnosiologia), que não passava de uma teoria, até a Idade Moderna, em nossos dias toma a coloração prática. Convém não perder de vista que tanto o sujeito como o objeto existem num contexto real (sociedade, tempo, espaço) e que o sujeito, por sua vez, tem outros contextos: biológico, psicológico etc.

É possível conhecer?

Sim, é possível conhece: para isto o homem tende e para isto existe o objeto. Aqui, para mim, a questão deixa de ser meramente gnosiológica para atingir as raias do ético e do jurídico, do biológico e do sociológico. Faço questão de esclarecer que emprego a palavra “gnosiológico”, como sinônimo de Teoria do Conhecimento.

- a) O homem conhece o objeto enquanto tal?
- b) o conhecimento do objeto, pelo homem, é sombra, imagem, espectro do objeto?

#### A — O HOMEM CONHECE O OBJETO ENQUANTO TAL?

Esta questão vem sendo levantada por todos os filósofos. Idêntica indagação também é feita pelos cientistas. Filósofos e cientistas,

3) CARLOS CAMPOS — Ensaio Sobre a Teoria do Conhecimento, pp. 122-123.

4) ARISTÓTELES — Metafísica, p. 36.

atentos para o objeto, não poderiam deixar de formular perguntas e, naturalmente, de apresentar respostas ou modelos.

Vejamos:

## B — O HOMEM CONHECE A SOMBRA DO OBJETO?

Platão foi um dos primeiros a mostrar a impossibilidade de o homem conhecer o objeto enquanto tal: o que conhecemos são sombras do objeto. Isto é: além do homem a realidade verdadeira, que ele não atinge. Entre o homem e o objeto existem obstáculos. Intermediários. (5)

Que intermediários são esses:

- idioma
- moral
- direito
- organismo?

Ora, do conhecimento o homem passa para o pensamento e deste, como eu disse, à comunicação (à ação).

O binômio do conhecimento: sujeito — objeto, existe por si?

Entre o sujeito e o objeto não existe nada?

O homem conhece o objeto tal qual ele é? Entre o objeto e o sujeito não existe nada?

O homem conhece o objeto tal qual ele é?

O homem só conhece o objeto quando frente a frente com ele?

O objeto, dizem os cientistas, para ser conhecido, não precisa estar tal qual ele é à minha frente: pelas inferências posso conhecer o objeto. Por exemplo: ninguém presenciou a evolução cósmica, nem é ela reproduzível em laboratório, mas temos eventos inferidos da observação dos fatos que nos levam à certeza da evolução.

Entremos, agora, no terceiro item desta reflexão.

O princípio básico da comunicação é assim expressa: não existe comunicação sem mensagem, como não existe mensagem sem linguagem.

Noutras palavras: entre o transmissor e o receptor, para que a mensagem (objeto) seja conhecida, existe a linguagem. A linguagem, então, é a condutora da mensagem. Entre os sujeitos que se comunicam existe o intermediário, ou seja, a linguagem.

De tudo que ficou dito resta perguntar, na oportunidade:

— É dado ao homem comunicar?

5) PLATÃO — A República (Livro Sétimo), pp. 267-268.

Se ao homem não é dado conhecer diretamente o objeto, o homem só pode ter uma pálida idéia do que seja o objeto.

O tema, como vemos, sai da área do conhecimento para entrar no campo da Criteriologia e, conseqüentemente, da Ética e do Direito.

O comunicador, por exemplo, ao julgar-se com o direito de conhecer o objeto tal qual é, sai da faixa gnosiológica para a área ética e jurídica.

Valendo dizer que tudo que está fora do sujeito é objeto. E se o objeto do conhecimento for outro homem? O sujeito, no caso o comunicador, tem o direito de penetrar inclusive na vida íntima, particular do cidadão? (6) E se o objeto do conhecimento do comunicador for um documento de Estado, terá ele o direito de copiá-lo, fotografá-lo, divulgá-lo? (7)

Ou o comunicador pode usar e/ou aceitar intermediários entre o seu conhecimento e o objeto, tais como informantes, assessorias, intérpretes, divulgadores?...

E para comunicar o conhecido, nada orientará o comunicador? O comunicador terá o direito de divulgar exatamente o que colheu no próprio objeto (vida do sujeito... documentos)? Karl Jaspers, no livro — *Introdução ao Pensamento Filosófico*, tem páginas maravilhosas sobre opinião pública e eu o aconselho como fonte de ricas reflexões.

Se o comunicador acredita que o objeto pode ser conhecido enquanto tal, julga-se com o direito de ficar frente a frente ao objeto (outro homem... documentos de Estado).

Sobre o homem objeto (objeto aí encarado como elemento do conhecimento), sugiro um trabalho de Erich Fromm — *O Homem Não é Uma Coisa*.

Este ensaio, como se depreende do título, envolve também (o "pensar").

Pensar, é pensar o mundo e pensar o mundo é pensar a partir da realidade mais concreta e imediata, que é o lugar onde o homem está.

Cada homem, então, começa a pensar o mundo a partir de sua realidade imediata, de seu lugar no mundo e/ou a partir de si mesmo.

Isto significa que o homem não foge ao contexto em que está ou é. Ninguém esquece que o homem não é só herdeiro inconsciente da espécie ou, como diz Dobzhansky: "Tudo que vive é parente nosso" (8), como possuidor de uma história (contexto que é pessoal) e

6) V. Papanazi, na Itália.

7) V. Escândalo do Pentágono, nos EE.UU.

8) DOBZHANSKY — *O Homem Em Evolução*, p. 188.

ágente e resultante de uma cultura. Valendo dizer tudo isto que elementos imanentes e transcendentos pesam no conhecer e no comunicar do homem. Não deixou por menos Bacon, no *Novum Organon*, ao tratar dos *idola*.<sup>(9)</sup>

A Filosofia da Comunicação, nesta perspectiva, não pode ficar restrita à análise das grandes correntes gnosiológicas ou absorvida totalmente nas especulações doutrinárias das relações ou relacionamentos sociais e/ou das consciências.

Desejo, com esta colocação, mostrar que ao estudioso da Comunicação — mesmo sob o ângulo filosófico (principalmente), não é dado o direito de fechar-se nas suas reflexões, distante ou distanciando-se do mundo. Do seu mundo.

A este respeito é bom lembrar o que ocorreu com Heidegger que, de profunda formação metafísica (teoria, teorética), voltado da Segunda Grande Guerra, passou a refletir mais em termos concretos e existenciais, numa radical transformação do seu pensar filosófico.<sup>(10)</sup>

De que vale ao comunicador a fundamentação filosófica pura, teórica e teorética? Qual a finalidade desta “erudição” ou “ilustração”, em termos práticos? Na prática, também neste caso, a teoria é diferente.

É dado ao homem conhecer o outro homem? (Comunicação intersubjetiva ou das consciências.)

Importa, então, saber se o homem ao comunicar está transmitindo a mensagem (mensagem que é, muitas vezes, o próprio objeto — inclusive ele, homem), mensagem tal qual é vista ou apresentada pelo intermediário, mensagem tal qual é?

Eu disse que o conhecimento antecede o pensar e que a comunicação (ação) sucede a este.

O que eu pretendo com esta colocação é deixar bem claro o que penso sobre comunicação.

Não compreendo comunicação sem o pensamento (pensamento aí tomado como reflexão ou ultrapassagem do conhecimento).

O homem — como sistema aberto, transcende o conhecimento e chega ao pensamento ou reformulação do conhecido. A comunicação humana, portanto, não é uma mera sucessão de estímulo-resposta: é, antes e acima de mais nada, reformulação interior, ação criadora, ou, como diz A. D. Hall: “Sendo o pensamento criador a coisa mais importante que estabelece a diferença entre o homem e o macaco,

---

9) FRANCIS BACON — *Novum Organon*, p. 83-86 — *Idola*: tribus — fidelidade ao seu grupo; *theatri* — de procura de aplausos; *fori* — de procura de recompensas materiais *specus* — advindos de preconceitos nem sequer percebidos pelo sujeito cognoscente.

10) MACDOWELL, J. A. — *A Gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger*, p. 119-121.

deveria ser tratado como um bem mais precioso que o ouro e preservado com grande cuidado." (11)

O conhecimento é comum ao animal. Conhecimento aí encarado como apreensão do objeto pelas vias sensoriais. O que vai justamente separar o homem dos demais animais é o pensamento. O homem conhece o objeto, pensa o objeto e age. A ação ou comunicação é fruto da reflexão ou reformulação humana. O homem não só conhece: pensa o conhecido e age.

Como o homem se comunica com os outros homens?

Pela arte? pela língua? pela política?

Como o homem se comunica com o outro homem?

Assim como o homem consegue decifrar a linguagem da natureza, conseguirá comunicar-se com o outro e com os outros, decifrando a sua linguagem?

Os símbolos sociais (linguagem, no sentido mais amplo) padronizam os homens.

*Veja* traz interessante e rica entrevista com Pasolina (Pier Paolo) sobre os nossos dias. Falando sobre linguagem, por exemplo, diz textualmente: "A principal linguagem, não verbal, com que os jovens se exprimem, são os cabelos." (12)

E sobre a cultura de massa, diz Pasolini: "A cultura de massa exclui, por sua natureza, tudo que é autêntico e original. Porém, a tendência é para acentuar o modo estereotipado e portanto irracional da comunicação. Os modos de comunicação mímica, física, enquadrando-se exatamente nesses estereótipos." (13)

Convém não esquecer, então, que o nosso mundo cria paradigmas, fora dos quais os homens não sobrevivem. Vivemos, digo eu, num mundo de sombra, onde somos cópias, modelos de protótipos elaborados (inclusive cientificamente) pela "cultura de massa", da sociedade de consumo.

Criticamos tanto o dado, o posto, como o imperativamente dominante e neles vivemos: o nosso tempo é o tempo do determinado.

Criticava-se, outrora, aquilo que se denominou "visão metafísica", caracterizada pelo absoluto, o permanente. Hoje, sim, direi que vivemos o absoluto como algo dado, abrangente, globalizante, do qual não se pode sair: um modelo é dado, posto, e dele não se pode afastar, salvo em prejuízo de perda total.

Pasolini tem uma frase tristemente bela na entrevista: "O que há de mais humilhante? No meio, na imensidão da maioria silenciosa, o dever de todos é se assemelharem." (14)

---

11) A. D. HALL — A Methodology for Systems Engineering, cit. Bertalanffy, ob. cit., p. 126.

12) *Veja*, número 256.

13) *id.*

14) *id.*

Vivendo um modelo por ele criado, o homem tornou-se escravo deste modelo, isto é, vive às custas da segunda via. Estereotipado. Padronizado. Xeroxada. O homem perdeu-se no meio dos homens. O homem perdeu-se.

A linguagem falada também merece destaque e Pasolini diz: "Todos os jovens (eu direi, todos nós) usam as mesmas frases, como se dissessem um texto de cor."

Os homens, então, comunicam símbolos entre si, símbolos por eles criados? Os homens são cópias dos outros?

Se os símbolos são criações dos homens e com os símbolos é que os homens se comunicam, são os intermediários, então, que movimentam e conduzem os homens? Os homens se comunicam com os signos?

Os signos são sinais que se assemelham àquilo que significam: é pelo signo que os homens se comunicam?

Tudo que os homens fazem e que é considerado semelhante ao que os outros sentem e pensam (analogia) é o meio de comunicação? O signo, então, é o ponto de comunicação dos homens?

É o subjetivo que dá sentido ao objetivo? O objetivo é mero transbordamento do subjetivo?

O subjetivo é inato ao homem? O mundo dos homens, então, é subjetivo?

O tema, como vemos, é mais rico do que se possa expor e mais profundo do que se possa esgotar.

## EXPLICAÇÃO

Este trabalho, tal qual é aqui apresentado, é o esboço de um outro que pretendo desenvolver com companheiros, compreendendo o Conhecimento e a Comunicação — a partir do homem como organismo — enfoque biológico, antropológico e psicológico, ao homem como ser social, enfoque sociológico, ético e jurídico.

Além dos professores Eduardo Diathay Bezerra de Menezes, José Maria do Nascimento Pereira e João Pompeu de Souza Brasil — que trabalharam o livro *Fundamentos Científicos da Comunicação*, outros colegas serão convidados a participar desta nova tarefa. Desta forma, a chamada "Escola Cearense de Comunicação", na expressão do professor José Marques de Melo, não apenas continua trabalhando (cada um isoladamente e/ou em equipe de dois ou três companheiros), como ampliando o número de seus participantes.

## BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Porto Alegre, Globo, 1969. 311p.
- BACON, Francis. *Novum Organon*. Buenos Aires, Losada, s/d 341p.
- BERTALANFFY, Ludwg von. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis, Vozes, 1973. 351p.
- CAMPOS, Carlos. *Ensaio sobre a teoria do conhecimento*. Belo Horizonte, Cardeal, 1959. 274p.
- DOBZHANSKY, T. *O Homem em evolução*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, Polígono, 1968. 422p.
- FROMM, Erich. O Homem não é uma coisa. In: *O Dilema da sociedade tecnológica*. Petrópolis, Vozes, 1971. 231p.
- JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo, Cultrix, 1971. 148p.
- MACDOWELL, J. A. *A Gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger*. São Paulo, Herder, 1970. 240p.
- PLATÃO. *A República*. São Paulo, Atenas, s/d. 432p.